

Encarar o passado, pensar o presente e construir o futuro: o colonial e o pós-colonial, a partir de um projeto internacional transdisciplinar

MOISÉS DE LEMOS MARTINS, ALICE BALBÉ, ISABEL MACEDO & ELISEU MABASSO

O que está em causa

Tendo como ponto de partida o contexto transnacional das culturas, e compreendendo o colonial e o pós-colonial, o projeto “Memórias, culturas e identidades: o passado e o presente das relações interculturais em Moçambique e Portugal” coloca-nos numa posição difícil, porque é muito complexo o debate sobre a diversidade transnacional das culturas. Iniciamos o debate problematizando o sentido das representações sociais, das identidades culturais e das práticas significativas (Bourdieu, 1979, 1980; Hall, 1997, 2017; Martins, 1994, 1996). Constituindo uma das mais complexas noções das ciências sociais e humanas, a ideia de cultura pode ser definida de múltiplas formas. Falamos de cultura para nos referirmos ao que é, não apenas constitutivo, mas também distintivo dos modos de vida de um povo, comunidade, nação ou grupo social, o que também quer dizer que falamos de cultura para nos referirmos às identidades sociais. E a identidade de povos, de comunidades locais, nacionais ou transnacionais, e de grupos sociais compreende vários aspetos: uma estrutura simbólica historicamente constituída; as definições oficiais (institucionais) que a objetivam; e as expressões individuais, que definem, em tensão com os dados objetivados, um destino individual (Oriol, 1979). A identidade coletiva é, deste modo, “o produto de dinâmicas que tendem a circunscrever grupos”, ou seja, atos de totalização, efetuados, tanto por instituições, como por sujeitos individuais, que constituem a identidade como um conjunto de coisas reais, e portanto, naturalmente evidentes e objeto de crença social (Oriol, 1985, pp. 336-342).

Por um lado, a produção de representações sociais e de identidades culturais compreende práticas significativas, isto é, a produção e a troca de significados entre os membros de uma comunidade ou grupo. Além disso, qualquer produto

cultural – um filme, por exemplo – pode gerar uma enorme diversidade de significados, ou diversas maneiras de interpretar ou representar um assunto.

Stuart Hall (1997) assinala que a cultura não é apenas sobre conceitos e ideias, mas também sobre sentimentos, afetos e emoções. Os significados culturais influenciam as práticas sociais, tendo efeitos reais no nosso quotidiano. A ênfase nas práticas culturais é relevante, pois é pelo nosso uso das coisas, e pelo que dizemos, pensamos e sentimos sobre elas – como as representamos – que lhes damos um significado. Ou seja, damos significado a objetos, pessoas e eventos, não apenas através das estruturas de interpretação, mas também pela forma como as usamos, ou as integramos nas nossas práticas diárias. A cultura está, assim, envolvida em todas as práticas que carregam significado e valor para nós, permeando toda a sociedade. Envolve ideias, atitudes, linguagens, práticas, instituições e estruturas de poder, assim como todo um leque de práticas culturais, formas artísticas, textos, arquitetura, cinema, etc. (Nelson, Treichler e Grossberg, 1992). Com efeito, a cultura não deve ser vista como monolítica ou estática, mas como um campo de “múltiplas e heterogêneas fronteiras onde diferentes histórias, linguagens, experiências e vozes se misturam no seio de diversas relações de poder e privilégio” (Giroux, 1992/2006, p. 205; Bourdieu, 1980).

A conceção de cultura como um terreno disputado, como campo de luta e transformação, oferece aos investigadores a oportunidade de irem além das análises tradicionais, que olham para a cultura apenas como reflexo das lógicas de dominação. Uma versão mais crítica levanta questões sobre as margens e o centro, assim como sobre as suas relações, particularmente à volta das categorias de “raça”, etnia, classe e género. Esta abordagem permite-nos uma leitura da história, que desconstrói o conhecimento histórico e assinala as limitações, entre di/visões (Bourdieu, 1979) e exclusões (Foucault, 1971), de que esta padece, encarando as questões identitárias do ponto de vista dos grupos minoritários e subalternos.

O problema das margens e do centro na redefinição da cultura, pode ser também tematizado como o problema das relações entre o mesmo e o outro, como é assinalado por Michel Foucault em “La pensée du dehors”, um artigo que este autor publicou em 1966, na revista francesa *Critique* (Foucault, 1966). É aí tematizada uma tensão, que sempre existiu no Ocidente, entre o mesmo e o outro. Os termos que Foucault convoca para este debate são as frases “eu minto”; “eu falo”. Ora, em “eu minto”, quem mente sou eu, o que significa que apenas posso mentir no regime do eu, que é o regime da totalidade – o regime da mesmidade. Mas, para mentir, preciso de falar. E falar já não se cinge ao regime do

mesmo. Porque falar é inscrever o outro no regime do eu, é convocar o outro, a alteridade, é fazer conviver a totalidade com o infinito. A língua torna o outro presente em mim. A língua é o lugar do outro, é uma construção social, que não precisa de mim para existir, é o infinito, embora a totalidade que eu sou lhe possa emprestar um estilo, que a reinvente e lhe dê horizontes novos¹.

Acontece também que os significados sobre o outro são produzidos em vários locais diferentes e circulam mediante distintos processos ou práticas, de acordo com aquilo a que chamamos o circuito cultural. O significado do outro, que é constantemente produzido e trocado em cada interação pessoal e social em que participamos, é também produzido numa variedade de diferentes meios de comunicação. Hoje em dia, muito particularmente através de complexas tecnologias da informação, circulam significados entre diferentes culturas numa escala global. O significado é ainda produzido, sempre que nos expressamos, fazemos uso, consumimos ou nos apropriamos de produtos culturais, isto é, quando os incorporamos de diferentes formas nas nossas práticas quotidianas, atribuindo-lhes valor ou significado. E mesmo quando construímos narrativas e histórias em torno deles. Deste modo, o significado do outro surge em relação aos diferentes momentos ou práticas do “circuito cultural”, bem como na construção da identidade e da diferença, na produção e no consumo, ou na regulação da conduta social (Hall, 1997).

Pensar nas condições históricas que moldam a identidade cultural, como é proposto no projeto “Memórias, culturas e identidades: o passado e o presente das relações interculturais em Moçambique e Portugal”, que agora termina, significa que o passado continua a falar, dentro e através de nós, embora tenha muitas vozes e, portanto, um carácter discursivo. “O passado” torna-se disponível na medida em que é algo narrado – através de um manual escolar, um filme, uma exposição num museu. Esta narrativa identitária é construída, em parte, através da memória, do desejo, da fantasia e do mito. As identidades culturais são assim reconstruídas através de pontos de identificação ou de rutura dentro dos discursos da história e da cultura. Não são uma questão de essência, mas de posicionamento, situando-nos num jogo que engloba ganhos e perdas (Hall, 2017).

Por outro lado, a investigação realizada no projeto que aqui discutimos, centra-se na memória histórica e nos efeitos políticos da presença contínua do

1 Esta leitura das relações entre o mesmo e o outro, um ponto de vista desenvolvido por Michel Foucault em “La pensée du dehors” é feita em “A ‘crise dos refugiados’ na Europa – entre totalidade e infinito” (Martins, 2019, p. 22).

passado no presente, assim como nos desafios contemporâneos decorrentes de migrações forçadas, com que se deparam populações que se veem privadas das suas próprias memórias, memórias que todavia as constroem e constituem. A investigação sobre as memórias das comunidades migrantes por exemplo, integradas em filmes sobre essas experiências (Macedo, 2022), demonstram o seu envolvimento com várias instâncias de violência contemporânea e histórica, os seus laços estreitos com questões identitárias e a ponte que fazem entre os domínios do pessoal e do público, do individual e do social.

Já no campo da comunicação e dos estudos culturais, os estudos sobre a memória histórica têm-se concentrado, não raras vezes, no modo como as memórias são experienciadas e produzidas através de tecnologias da informação. Estas foram-se estabelecendo como dispositivos de mediação simbólica da experiência humana, que projetam na história um propósito de cidadania emancipador (Martins, 2020). As tecnologias da memória, embora possam incluir memoriais e lembranças, são cada vez mais tecnologias visuais e formas tecnológicas de mediação – fotografias, filmes, programas de televisão e imagens digitais. A memória cultural é constantemente produzida através das tecnologias da memória e mediada por elas. A questão da mediação é, portanto, central para a forma como a memória é concebida no campo dos estudos culturais, e também no dos média (Erll, 2008). Quer isto dizer que a representação da memória nestes campos tende a considerá-la dinâmica e instável – todos nós temos memórias que nos chegam, não a partir de nossa experiência individual, mas da nossa experiência mediada por fotografias, filmes, literatura, e pela cultura popular.

Portugal e Moçambique – Travessias identitárias e imaginários do passado e do presente coloca em questão estes aspetos da memória cultural (Assmann, 2008), explora o modo como as identidades culturais são construídas e reconstruídas com o recurso à imagem, à memória, ao discurso difundido por vários produtos culturais, artísticos e educativos. Centrando-se particularmente num conjunto de filmes, de exposições museológicas e em estudos sobre manuais escolares de história, os textos que de seguida apresentamos reúnem um conjunto de reflexões que nos permitem um olhar, não apenas transdisciplinar, porque a própria equipa deste projeto assim se caracteriza, mas também histórico e comparativo, visando o passado de Moçambique e de Portugal, assim como o modo como através da cultura olhamos o presente e perspetivamos orientações em relação ao futuro.

Contextualização e organização da obra

Portugal e Moçambique – Travessias identitárias e imaginários do passado, do presente e do futuro reúne contributos de membros do projeto “Memórias, culturas e identidades: o passado e o presente das relações interculturais em Moçambique e Portugal”, financiado pela Fundação Aga Khan para o Desenvolvimento e pela Fundação para Ciência e Tecnologia (333162622), e desenvolvido no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, na cidade de Braga, em Portugal, e na Universidade Eduardo Mondlane, na cidade de Maputo, em Moçambique.

Trata-se de um projeto de investigação internacional e transdisciplinar, cujo propósito é o de analisar os processos, através dos quais narrativas veiculadas por produtos culturais, educacionais e artísticos são criadas e difundidas na sociedade, tendo também em atenção o modo como são rececionadas pelos jovens. Para o efeito, ao longo de três anos, foram organizadas atividades de análise, reinterpretação e recriação de narrativas sobre o passado, que resultaram em publicações e eventos científicos.

Esta obra resulta, assim, da investigação desenvolvida no contexto do projeto, um processo que envolveu várias instituições de ensino superior, em Portugal (PT) e em Moçambique (MZ). Para além da Universidade do Minho (PT) e da Universidade Eduardo Mondlane (MZ), colaboram docentes e investigadores de outras instituições, nomeadamente: Escola Superior de Jornalismo (MZ); Instituto Superior de Arte e Cultura - ISARC (MZ); Instituto Superior Monitor (MZ); Universidade Autónoma de Lisboa (PT); Universidade da Beira Interior (PT); Universidade Lusófona do Porto (PT); Universidade Politécnica (MZ); e Universidade Zambeze (MZ).

Dividida em três partes, esta obra apresenta um conjunto de textos que discutem representações do passado e do presente, em filmes, manuais escolares e exposições museológicas, relativas a Moçambique e a Portugal. *Portugal e Moçambique – Travessias identitárias e imaginários do passado, do presente e do futuro* abre com o artigo “Relações fora-de-campo – *Deixem-me ao menos subir as Palmeiras e Tabu*”, da autoria de Tiago Vieira da Silva, Ana Cristina Pereira e Isabel Macedo. Os autores discutem o papel do cinema na (re)construção do imaginário social e cultural, assim como a relação dos corpos com os espaços. Fazem-no a partir do filme de Lopes Barbosa (1972), *Deixem-me ao menos subir às Palmeiras*, e de *Tabu*, filme de Miguel Gomes (2012). Por sua vez, no texto “Entre internacionalismo e moçambicanização - Ritmos filmados da nação”, Maria do Carmo Piçarra discute o modo como o cinema foi usado para projetar

a nova nação moçambicana, através da criação do Instituto Nacional de Cinema, logo após a independência, e também da valorização da diversidade cultural, de expressões artísticas, como a música e a dança, e ainda de festivais. Ainda na secção sobre cinema, Isabel Macedo e Luís Camanho analisam os contributos da realizadora portuguesa, Susana de Sousa Dias, para a (re)construção da memória cultural sobre a ditadura portuguesa, explorando os silêncios, as contradições e as memórias individuais de vários presos políticos naquele período. “Pessoas que não existem na história: Susana de Sousa Dias e a urgência da memória” versa particularmente sobre os testemunhos de pessoas que viram a sua vida brutalmente marcada pelas experiências de tortura, perseguição e clandestinidade. Mas as ausências e os silêncios da história oficial sobre o período da ditadura são também objeto de análise de Sheila Khan, na base do filme *Uma Memória em Três Atos* (2016), de Inadelso Cossa. No artigo “Uma etnografia de ausências: Moçambique, História e *Memória em três atos*”, a autora assinala os esforços de uma geração que, embora não tendo vivido diretamente as guerras colonial e de libertação, se confronta com os silêncios e as ausências na história oficial de uma diversidade de homens e mulheres que, de diferentes formas, lutaram por um país independente. A fechar esta secção, e apoiando-se no mesmo filme, mas integrando na reflexão também a obra *O Tempo dos Leopardos* (1985), um filme moçambicano-jugoslavo, realizado por Zdravko Velimirović, Edson Mugabe discute e explora criticamente as memórias do passado colonial, presentes na obra. No artigo “As sombras do passado colonial e as políticas de memória em Moçambique: Reflexão a partir dos filmes *O Tempo dos Leopardos* e *Uma Memória em Três Atos*”, o autor mostra-nos como, em ambos os filmes, a narrativa é sobre o peso do passado. Contudo, enquanto no filme *O Tempo dos Leopardos* o passado é tratado melancolicamente como um fardo, relatando a história de perseguições e assassinatos, em *Uma Memória em Três Atos* o peso do passado não é apenas abordado como um fardo, mas também como uma força, que embora envolva dor supõe a reconciliação com ele.

Na secção seguinte de *Portugal e Moçambique – Travessias identitárias e imaginários do passado, do presente e do futuro*, um conjunto de textos explora as imagens e as narrativas veiculadas por manuais escolares moçambicanos e portugueses. Alice Balbé, Luís Camanho, Elaine Trindade e Rosa Cabecinhas abrem esta secção, propondo uma metodologia de análise das imagens, a partir da categorização de recursos visuais e da caracterização desses elementos. Em “Representações visuais nos manuais escolares: uma proposta de análise”, os autores apresentam uma proposta de grelha de análise para o estudo das imagens

incluídas em manuais escolares de história moçambicanos e portugueses, que pode contribuir para estudos futuros sobre manuais escolares e representações sociais. De seguida, no artigo “Representações socioculturais veiculadas nas capas de manuais de História em Moçambique”, Armino Armando e Martins Mapera expõem o resultado da análise exploratória das capas de manuais escolares de História em Moçambique, editados desde a independência até à atualidade. Analisam, em particular, os discursos veiculados pelas imagens, os títulos, o *layout*, a estrutura, o tema e as imagens, partindo da ideia de que as capas e os manuais de história têm uma forte influência na formação da consciência das pessoas sobre o passado. Num estudo que revisita a história de Moçambique, a partir do desenvolvimento da disciplina de História e as influências do contexto político, Cassimo Jamal reflete sobre os sistemas educativos implementados em Moçambique desde 1975. No seu texto “Ensino da História e a construção de identidade nacional no período após a independência em Moçambique”, refere que a história nacional tem sido reescrita, modificada e elaborada em função dos contextos políticos vividos e das mudanças ocorridas. Para o autor, de 1975 até à atualidade, o ensino da História tem vindo a cumprir papéis diferenciados, desde a fixação de valores e normas sociais, até à construção da unidade nacional, ou ao respeito pelas diferenças. Esta secção encerra com o artigo “Imagens e miragens do mundo lusófono em manuais escolares de história portugueses: visões do passado, presente e futuro”, da autoria de Rosa Cabecinhas, Alice Balbé, Luís Camanho e Luís Cunha. Os autores analisam as representações do designado “mundo lusófono” nos manuais portugueses contemporâneos, da disciplina de História, explorando de que forma o passado, o presente e o futuro são projetados. Usando um modelo teórico transdisciplinar, procuraram prestar especial atenção às imagens de pessoas e ao modo como estas reforçam ou desafiam representações hegemónicas sobre a história nacional e o futuro das relações com os países de língua oficial portuguesa.

Esta obra encerra com três artigos sobre arte, literatura e exposições museológicas. Vítor de Sousa, no texto “O Museu Nacional de Etnologia (Moçambique): entre a ‘portugalidade’ e a ‘moçambicanidade’”, refere que se atribui a Eduardo Mondlane a paternidade de uma “moçambicanidade” que o museu fará questão de sublinhar, em particular devido ao acervo relativo à cultura Makonde. Uma tal cultura assinala, de algum modo, que a guerra de libertação teve também por missão resgatar a identidade cultural dos moçambicanos. Por sua vez, Lurdes Macedo, Viviane Almeida e Renata Zanete, no artigo “Temporalidades sobrepostas - Notas sobre re-existir para além de resistir em Luís Bernardo Honwana”, propõem uma

reflexão sobre as possibilidades que se colocam a uma efetiva decolonialidade na relação entre Moçambique e Portugal. Fazem-no analisando as obras *Nós Matámos o Cão-Tinhoso* (1964) e o ensaio *A Velha Casa de Madeira e Zinco* (2017). As autoras encaram estas duas obras de Honwana de forma crítica, explorando legados e futuros possíveis. A encerrar esta secção e obra, José Carlos Venâncio analisa a exposição intitulada “Modernismo e Arte Negro-Africana”, que teve lugar no Museu Nacional de Etnologia em Lisboa e o seu significado histórico-sociológico. O seu texto “O Modernismo e [A] Arte Negro-Africana, uma exposição em contexto de transição. Considerações em torno das Artes Africanas”, propõe uma análise da apropriação e crítica da arte tradicional africana na Europa, desde o século XIX, assim como da relação que tem sido estabelecida entre esta mesma arte, a arte contemporânea e o artesanato, ou “arte de aeroporto”.

Agradecimento

Este artigo foi financiado no âmbito da “Knowledge for Development Initiative”, pela Rede Aga Khan para o Desenvolvimento e pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, IP (no 333162622), no contexto do projeto “Memories, cultures and identities: how the past weights on the present-day intercultural relations in Mozambique and Portugal?”.

Referências

- ASSMANN, J. (2008). Communicative and Cultural Memory. In A. Erll & A. Nunning (Eds.), *Media and Cultural Memory* (pp. 109-118). Walter de Gruyter.
- BOURDIEU, P. (1980). Identité et représentation: Éléments pour une *réflexion critique sur l'idée de région*, 35, 63–72. <https://doi.org/10.3406/arss.1980.2100>
- BOURDIEU, P. (1979). *La distinction. Critique sociale du jugement*. Éditions de Minuit.
- ERLL, A. (2008). Literature, film, and the mediality of cultural memory. In A. Erll & A. Nunning (Eds.), *Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook* (pp. 389-398). Walter de Gruyter.
- FOUCAULT, M. (1966). La pensée du dehors. *Critique*, 229, 523-546.
- FOUCAULT, M. (1971). *Lordre du discours*. Gallimard.
- GIROUX, H. (1992/2006). Resisting Difference: Cultural Studies and the Discourse of Critical Pedagogy. In L. Grossberg, C. Nelson & P. Treichler (Eds.), *Cultural Studies* (pp. 199-212). Routledge.
- HALL, S. (1997). The work of representation. In S. Hall (Ed.), *Representation: Cultural representations and signifying practices* (pp. 13-74). Sage.

- HALL, S. (2017). Nations and diasporas. In K. Mercer (Ed.), *The fateful Triangle. Race, ethnicity, nation / Stuart Hall* (pp. 125-174). Harvard University Press.
- MACEDO, I. (2022). O Filme Ilha da Cova da Moura, os Média e a Permanência dos Racismos na Sociedade. *Revista Lusófona De Estudos Culturais*, 9(1), 51–66. <https://doi.org/10.21814/rlec.3756>
- MARTINS, M. L. (1994). A verdade e a função de verdade nas ciências sociais. *Cadernos do Noroeste*, 7(2), 5–18. <https://hdl.handle.net/1822/25385>
- MARTINS, M. L. (1996). *Para uma inversa navegação – O discurso da identidade*. Afrontamento.
- MARTINS, M. L. (2019). A “crise dos refugiados” na Europa – entre totalidade e infinito. *Comunicação e Sociedade*, Vol. Especial, 21–36. [https://doi.org/10.17231/comsoc.0\(2019\).3058](https://doi.org/10.17231/comsoc.0(2019).3058)
- MARTINS, M. L. (2020). A teoria na história dos média. *Revista Brasileira de História da Mídia*, 9(1), 163-182. <https://hdl.handle.net/1822/66637>
- NELSON, C., Treichler, P. & Grossberg, L. (1992). Cultural Studies: an introduction. In L. Grossberg; C. Nelson & P. Treichler (Eds.), *Cultural Studies* (pp. 1-16). Routledge.
- ORIOU, M. (1979). L'identité produite, l'identité instituée, l'identité exprimée: Les confusions de théories de l'identité nationale et culturelle. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, LXVI, 19-28.
- ORIOU, M. (1985). Appartenance linguistique, destin collectif, décision individuelle. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, LXXIX, 335-347.